
RELAÇÕES DE PODER E PRODUÇÃO DE IDENTIDADES DOCENTES NA ESCOLA: A NOÇÃO DE PODER EM MICHEL FOUCAULT E O CONCEITO DE IDENTIDADE EM TOMÁS TADEU DA SILVA

Karina Pereira Souto – Mestranda do PPGH-UFCG

karinasouto06@hotmail.com

Co-autor(a): Claudio da Costa Barroso Neto – Mestrando do PPGH-UFCG

claudiobarroso_n@yahoo.com

Orientadora: Profa. Dra.Regina Coelli Gomes Nascimento – PPGH-UFCG

Neste artigo, propomos problematizar alguns conceitos dos quais estamos lançando mão no texto da dissertação de mestrado intitulada de *Disciplinando o corpo dos docentes: a escola fabricando corpos dóceis*. Nosso trabalho tem como objetivo analisar como a instituição escolar legitima os discursos normatizadores que vão sendo cristalizados como naturais no cotidiano escolar, no sentido de controlar as diversas corporalidades/identidades docentes em duas escolas (que serviram de amostragem) da rede pública e privada da cidade de João Pessoa neste início de século.

Para a concretização dessa pesquisa, dialogamos com autores, a exemplo de Michel Foucault, a partir da noção de poder empregada por ele, reconhecendo a Escola também como um território complexo atravessado por relações de poder que aparecem como: controle social e resistências. Assim, procuraremos entender como esses discursos normativos semelhantes a tentáculos invisíveis tentam elaborar identidades fixas e universais, que por sua vez tentam regular os corpos dos professores.

Para tanto, aproximamo-nos também dos estudos de Tomás Tadeu da Silva acerca do conceito de Identidade, conceito este que atravessa tanto o corpo quanto o espaço escolar. Por isso, propomo-nos discutir como os atores sociais da escola, principalmente os professores, se inscrevem e representam a si mesmos, e como outros atores – alunos, pais e corpo técnico – identificam e representam esses professores dentro da sociedade do século XXI, marcada por identidades fragmentadas, multifacetadas, fluídas, itinerantes, que não se fixam neste ou naquele lugar.

Em primeiro lugar devo justificar o porquê da opção de está trabalhando com uma história do tempo presente, visto normalmente que é atribuída aos historiadores/as a missão de estudar os eventos passados. Não que as questões concernentes ao passado não me fascinem, mas, decidi pelo tempo presente talvez numa tentativa de mostrar que é possível também aos historiadores produzirem uma história que esteja atrelada ao seu

cotidiano especialmente no meu caso, que pretendo analisar as construções das identidades de professores/as a partir dos discursos forjados e legitimados pela instituição escolar, que é o meu lugar de atuação profissional.

Sobre o fazer-se da história do tempo presente assim argumenta Pesavento:

Ora, tal campo implica tomar esta História na qual os acontecimentos estão ainda a se desenvolver. Trata-se de uma História ainda não acabada, em que o historiador não cumpre o seu papel de reconstruir um processo já acabado, de que se conhecem o fim e as conseqüências. Não se trata, pois da construção *ex-post* de algo que ocorreu por fora da experiência do vivido, pois o historiador é contemporâneo e, de certa forma, testemunha ocular de um processo que ainda se desdobra e de que não se conhece o término. (PESAVENTO, 2003 p.93)

E é exatamente assim que eu me sinto a partir das argumentações de Pesavento, “testemunha ocular de um processo”, o processo educacional do início do século XXI atravessado por relações de poder, que ora se apresentam num nível macro relacionada à instituição em si e ora a nível micro, envolvendo os atores sociais e suas práticas cotidianas, que circulam nesse espaço, palco, que se apresenta em constantes modificações impulsionadas pelas macro e micro-políticas nele instituídas e que dão sentido a essa espacialidade (a escola).

Para tanto nos propormos analisar através da observação participante duas escolas de nível fundamental da cidade de João Pessoa, uma da rede pública e outra da rede privada, (tomadas como amostragem) no intuito de identificar a relação entre os discursos (de disciplina e controle) e contra-discursos (de antidisciplina) na produção das identidades dos professores/as

Diretamente ligada à análise das relações de poder entre os sujeitos que se apropriam do espaço escolar (alunos/as professores/as e corpo técnico) com finalidades distintas e comuns, e os micropoderes que se instauram, hierarquicamente ou não, em toda a esfera organizacional da educação, pretendemos desenvolver essa pesquisa voltando a atenção para a *educação menor*¹ que para além do macropoder das políticas públicas, preocupa-se mais com as micropolíticas estabelecidas na escola relacionadas ao cotidiano dos atores da educação.

1-A educação menor age nos intervalos, no meio do saber e do não-saber, deslocando-se entre um e outro, produzindo velocidades, intensidades, experimentações

A educação menor ocorre nos espaços micropolíticos, no âmbito das salas de aula já que é nas ações cotidianas de cada um, opondo resistências, produzindo diferença, provocando desterritorializações, que acontecem as subversões. Para Gallo:

Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. (GALLO, 2003 p.78)

Para tratar de questões relacionadas ao poder, dialogamos teórico-metodologicamente em Michel Foucault, que é considerado um ícone no trato das questões concernentes ao poder e principalmente a circularidade do mesmo nas mais diversas esferas, o que o próprio autor chama de relações de poder, assim como as questões referentes à disciplina e ao controle dos corpos procurarei transitar entre essas relações a fim de identificar o processo de controle instituído sobre os corpos dos docentes, implícito ou explícito dentro das escolas.

As questões levantadas são: *Quais os mecanismos de controle gerenciados pela escola no início do século XXI para normatizar os professores? Como os professores/as identificam a si mesmos como sujeitos, inscrevem seus corpos e legitimam ou não pra si uma identidade diante do controle proposto pela escola e pela sociedade? Como alunos, corpo técnico e pais fabricam identidades para os professores a partir do discurso educacional vigente?*

Controlar os corpos através da vigilância apoiada nas normas estabelecidas pelas instituições disciplinares apresenta-se como a produção simbólica da fabricação de “corpos dóceis”, o que Foucault chama de biopoder (o poder sobre a vida), já que não basta controlar apenas os corpos dos sujeitos, mas, também suas mentes devem ser controladas, internalizando o poder disciplinar e assegurando conseqüentemente o funcionamento automático do poder.

No entanto todas essas estratégias de disciplina e controle não significam uma aplicabilidade total e a obtenção de resultados nos devidos termos. A escola, ao atuar como instituição controladora, tende a afastar cada vez mais o seu objeto (alunos/as). Alguma resistência mesmo que sutil, por entre as frestas há de se manifestar. Segundo o próprio Foucault que recebe críticas ferrenhas em relação a sua suposta crença na

passividade do sujeito, “*Quando o poder é exercido sobre nosso corpo, emerge inevitavelmente a reivindicação do próprio corpo contra o poder*”. (Foucault, 1979 p. 146).

Se para uma disciplina sempre há uma antidisciplina, como propõe Foucault nos dispomos a apresentar como resultado de pesquisa tanto uma quanto a outra (disciplina e antidisciplina), caso sejam encontradas, imbricadas ou não, visto que, a instituição escolar, assim como outras instituições está um pouco mais para além de qualquer máquina de controle, já que há sempre algo que escapa entre as bordas

A relação saber/poder tão enfatizada por Foucault me despertou a necessidade de investigar como os saberes produzem os discursos que conseqüentemente através do poder legitimam “verdades” na instituição escolar. Para Foucault,

...o poder é uma estratégia atribuível a funções (disposições, manobras, táticas, técnicas). O poder não se origina nem na política, nem na economia, e não é ali que se encontram suas bases. O poder existe como “uma rede infinitamente complexa de ‘micropoderes’, de relações de poder que permeiam todos os aspectos da vida social” (O’BRIEN, 1992 p.46)

Para explicar os mecanismos de poder sobre os corpos em sua obra *Vigiar e Punir*, Foucault prefere utilizar o termo manipulação ao invés de sujeição dos corpos. Pois, segundo o autor, a disciplina tanto os torna obedientes quanto úteis, tendo sentido duplamente regulador. Assim ele utiliza o termo “corpos dóceis” para se referir ao que seria o produto final da disciplina sobre estes corpos. (FOUCAULT, 2007).

Os corpos dóceis produzidos na escola são muito importantes na hora de identificar, classificar e hierarquizar os sujeitos. Professores/as são classificados como “bons” ou “maus” educadores/as de acordo com as roupas que cobrem seus corpos, por isso as escolas não hesitam em padronizar uniformes não só para seus alunos, mas também para os professores/as que reproduzirão através dele o grau de comprometimento com a moral da instituição, divulgando-a e legitimando sua postura como a mais coerente e apta a atender os interesses e princípios da sociedade. Sobre isso argumenta MUCHAIL:

O exemplo particular do sistema escolar, que Foucault faz ver quanto ele é ‘inteiramente baseado em uma espécie de poder judiciário’, explicitando que nele a todo o momento se pune e se recompensa, se avalia, se classifica, se diz quem é o melhor, quem é o pior (MUCHAIL,2004 p.69)

Foucault nos alerta para o fato de que o historiador deve duvidar de tudo que é apresentado como natural e mesmo não tendo sido reconhecido como um historiador profissional ele nos legou, principalmente quando imerso em sua fase genealógica, inspirada no pensamento de Nietzsche, a importância de historicizar as práticas, de tentar descobrir como foram se consolidando através de discursos promotores de verdades.

A genealogia insistia ele, não pode ser aleatória. Exige erudição. O genealogista/historiador busca o começo, não a origem. Para Foucault, essa era uma distinção fundamental. As origens implicam causas; começos implicam diferenças. Uma genealogia portanto, vai cultivar os detalhes e acidentes que acompanham todos os começos. (O'BRIEN, 1992 p.49)

Com relação à escola que é o espaço onde vemos inscrita toda essa problemática, enxergamos a possibilidade de trabalhar com a noção de poder a partir da desnaturalização de práticas legitimadas pelo saber que é atribuído à escola, tidas como “naturais” e que acaba por lhe autorizar o exercício do poder (disciplinar e de controle) sobre os sujeitos que dão significado ao espaço escolar a partir de suas práticas cotidianas.

Tomando como ponto de partida as identidades docentes fabricadas na escola, também nos aproximamos de Foucault, agora, do seu método de análise do discurso, quando procuramos entender como e porque alguns discursos são legitimados em detrimento de outros. Assim, partimos dos discursos normatizadores da instituição escolar e também dos discursos dos atores que constituem o espaço escolar – professores/as, alunos/as, pais e corpo técnico – para o objeto que é o corpo do professor/a, que é atravessado por todos esses discursos, desembocando na fabricação de identidades supostamente fixas em corpos supostamente dóceis.

Absorver ou repelir o discurso de disciplinarização e controle dos corpos dos professores propagado na instituição escolar depende das relações de poder que envolvem os sujeitos gerando uma multiplicidade em relação à aceitação ou não dos dispositivos de poder. Há a capacidade de desenvolvimento de táticas de sujeitos que tentam burlar essa disciplina com uma antidisciplina na maioria das vezes sutil, que se faz sorradeira e habita o não lugar constituindo assim o contra-discurso, mas, não necessariamente o sujeito reagirá dessa forma. Para Foucault,

Não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado; mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que

podem entrar em estratégias diferentes... Os discursos como silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta (FOUCAULT, 2007 p. 95-96)

As micropolíticas representadas pelas relações cotidianas entre esses atores sociais e as relações de poder (micropoderes) que os entrelaçam pelo menos na atualidade (início do século XXI), que corresponde ao recorte temporal estabelecido neste trabalho têm mostrado o ensaio de um equilíbrio entre disciplina e antidisiplina. Entre os que absolvem e os que repelem o poder disciplinar parece surgir alguma evidência de um sutil equilíbrio.

A produção da normalidade, através do controle dos corpos será muito questionada por historiadores e especialistas em educação, principalmente os que discutem uma mudança no currículo visando uma maior participação, ou talvez uma inclusão mais justa daqueles sujeitos considerados desviantes, indisciplinados, anormais, que não se fixam neste ou naquele lugar, mas, que transitam nas fronteiras, ou seja, “no não lugar”.

E os professores/as, sujeitos da educação, assim como os alunos também se encontram inscritos entre esses sujeitos intineirantes, desviantes, “anormais” que de acordo com o discurso hegemônico da normalidade devem ser convocados a assumirem os lugares já reservados para eles/as – as salas de aula “normais”- e para isso devem passar por um longo e rigoroso controle de qualidade

Neste ponto a discussão de identidade que permeia todo este trabalho surge para auxiliar na discussão sobre o poder disciplinar e a antidisiplina gerada por ele que inevitavelmente desorganiza a produção de identidades fixas e cria identidades itinerantes que circulam do centro às fronteiras principalmente borrando-as, desestabilizando-as sustentando-se no “não lugar”. Sendo assim a partir das discussões de identidade referentes à educação trazidas por Tomás Tadeu da Silva apresentarei outro tópico apresentando como lançarei mão do conceito de identidade utilizado por este autor.

As discussões sobre identidade estão em pauta na contemporaneidade, e os sujeitos da educação assim como todos os outros também estão sendo convocados a assumirem identidades, que é o que classifica e hierarquiza o sujeito na sociedade. As identidades nesse início de século deixam de ser fixas, mas, sua fluidez deve ser controlada o que

nos leva a um paradoxo que parece representar uma discussão interminável, porém, legítima. Sobre isso argumenta Silva:

O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. É um processo semelhante ao que ocorre com os mecanismos discursivos e lingüísticos nos quais se sustenta a produção da identidade. Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade(SILVA, 2000 p. 84)

A escola vê-se diretamente envolvida nessa discussão sobre a identidade por ser ela mesma uma instituição detentora de saber e poder capaz de forjar identidades e de tentar fixá-las através do controle exercido pelas normas. Crianças e adolescentes (alunos/as) devem freqüentar a escola durante anos com o objetivo de tornarem-se “bons” adultos, pessoas educadas, higienizadas, ou seja, “civilizadas” preparadas para viver numa sociedade moderna. E os professores/as devem assumir a responsabilidade de tornar tudo isso possível.

O controle e a produção de identidades através das normas estão tão imbricados com a escola que se tornou muito comum se passar despercebido por práticas e situações que foram naturalizadas através de todo um processo histórico. Então duvidar do que é dado como natural passou a ser uma prática dos cientistas sociais que se comprometem a historicizar o que foi naturalizado, essencializado durante muito tempo pela sociedade como é o caso tanto do poder quanto do corpo

O sujeito cartesiano, iluminista, com identidade fixa passa a ser questionando junto com a concepção de razão a partir da chamada viragem lingüística associada principalmente ao pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche de cujo pensamento Foucault se tornou herdeiro. “*Numa referência a Nietzsche, Foucault afirmará que as coisas estão na superfície, e que atrás de uma mascar há outra máscara e não essências*” (Rago, 1985 p. 74)

Parece muito óbvio a afirmação de que a identidade se constitui na diferença, na negação do outro, já que recentemente muitos teóricos vêm acalourando esse debate bastante pertinente para a era da globalização, das crises identitárias, da emergência de novos paradigmas nas ciências sociais e especialmente a história.

Refletir como as identidades estão sendo pensadas, construídas e forjadas no espaço escolar é fundamental para a compreensão das rupturas e continuidades que atravessam a instituição escolar nesse início de século. O descentramento do sujeito faz com que estes sejam convocados a assumirem identidades que parecem fixas e, no entanto não conseguem se sustentar como tal diante do aceleração exigido pela modernidade tardia tornando as identidades cada vez mais efêmeras produzindo uma nova posição dos sujeitos no interior do paradigma.

Stuart Hall prefere o conceito de identificação, ao de identidade por considerar que este último é muito complexo. *“Na linguagem do senso comum a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos e pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal”*. Para esse autor a identidade é construída dentro do discurso, a partir da diferença. *“É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos”* (HALL, 2000 p. 106 e 109)

Nesse sentido, partido do pressuposto de que as identidades são construídas dentro do discurso e não fora dele é que me proponho a fazer o exercício de analisar o discurso dos atores escolares referentes ao corpo do professor/a com o propósito de entender como a partir deles são fabricadas esta ou aquela identidade para os professores/as nesse início de século.

Pretendemos assim, utilizar o conceito de identidade que, inevitavelmente entrecruza o espaço escolar para compreender como os atores sociais da escola, principalmente os professores/as, se identificam e representam a si mesmos e como os outros atores, alunos, pais e corpo técnico identificam e representam esses professores dentro dessa sociedade de identidades multifacetadas, fluidas, itinerantes que não se fixam neste ou naquele lugar.

Tomás Tadeu muito mais ligado a educação vai um pouco mais adiante com relação a Stuart Hall e considera identidade e diferença como atos de criação lingüística e resultado de um processo de produção simbólica e discursiva, portanto, interdependentes. *A identidade e a diferença estão, pois em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode*

ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são nunca inocentes (SILVA, 2000 p.81)

Admitir que a escola não apenas transmite conhecimento, nem só apenas os produz, mas que ela também fabrica os sujeitos e forja suas identidades através das relações de poder é um aspecto importante na realização deste trabalho, que propõe observar o cotidiano dos sujeitos no espaço escolar refletindo sobre a fluidez das identidades nesse início de século e as relações de poder estabelecidas sempre preocupada em levar a adiante a discussão que foca na não fixidez das identidades. *Para (HALL, 2006 p.13) “A identidade completamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”.*

Na instituição escolar trabalhar com a perspectiva do conceito de identidade significa uma ação epistemológica que vai além do reconhecimento de que alunos /as e professores/as são diferentes, por terem suas características individuais e pertencerem a grupos sociais diferentes. Entendemos que o primeiro passo para isso é defender uma educação questionadora dos conceitos essencialistas e tratá-los como categorias socialmente constituídas no decorrer dos discursos históricos.

Lembrando que não seria jamais possível esgotar essa discussão sobre identidade apenas neste artigo não me proponho a expor aqui nenhum tipo de afirmação definitiva sobre um tema tão complexo e que exigirá de mim muitas leituras ainda e um maior aprofundamento que possivelmente ocorrerá durante a escrita da minha dissertação.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Gervácio Batista. **A História renovada: a emergência dos novos paradigmas**. Saeculum Jan/Dez/ 1998/1999

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979

GALLO, Sílvio. **Deleuze e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

GORE, Jennifer M. Foucault e educação: fascinantes desafios. In SILVA, Tomaz Tadeu (org) **O sujeito da educação: estudos foucaultianos** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org).
Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000
_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro, DPeA, 2006

LOURO, Guacira Lopes Louro. **O Corpo educado: pedagogia da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.**
Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, simplesmente.** Edições Loyola: São Paulo, 2004
NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado – questões para pesquisa no/do cotidiano.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

O'BRIEN, Patrícia. A História da cultura de Michel Foucault. In HUNT, Lynn. **A nova história cultural.** tradução Jefferson Luiz Camargo – São Paulo: Martins Fontes, 1992

PERRONE MOISÉS, Leyla. Desconstruindo os estudos culturais. In **Vira e mexe nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural.* Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

PIMENTEL FILHO, Ernesto e VASCONSELOS, Edson Peixoto. Foucault: Da Microfísica à Biopolítica. In: FILHO, Agassiz Almeida e BARROS Vinícius Soares de Campos (Orgs). **Novo Manual de Ciência Política.** São Paulo: Malheiros Editores, 2008

RAGO, Margareth. **O efeito Foucault na historiografia brasileira.** Rv. Sociol. USP. São Paulo, 7(1-2): 67-82, Outubro de 1995

SILVA, Tadeu Tomaz. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

_____. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tadeu T. (Org). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000